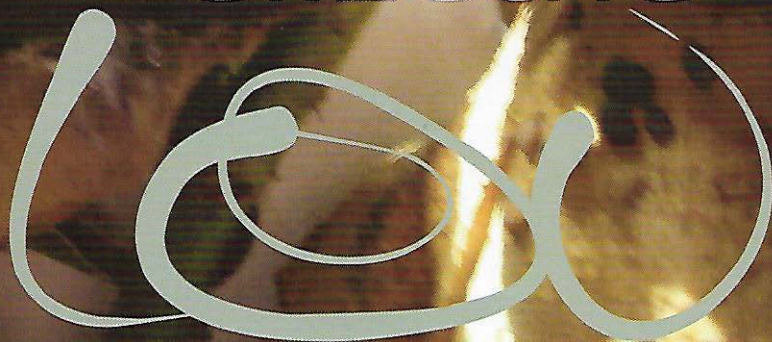
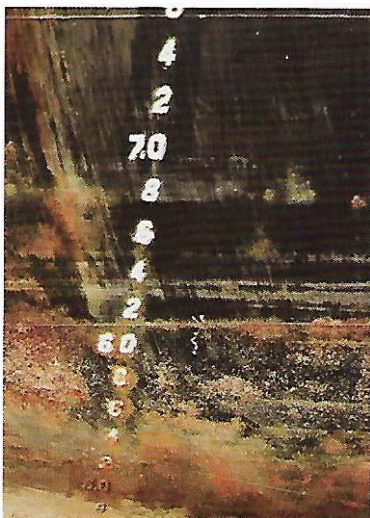


A FERRO E FLOR

elizethe



borghetti



A FERRO E FLOR

Lya Luft

As fotos de Lou Borghetti desta série A FERRO E FLOR são tão surpreendentes quanto suas pinturas. Como seus quadros, contêm secretas insinuações que levam a descobertas sempre novas para quem se detém para realmente olhar.

A poucas pessoas ocorreria ligar dois materiais tão diversos e contraditórios quanto flores e ferro: as primeiras um símbolo de delicadeza, o segundo representante da matéria bruta.

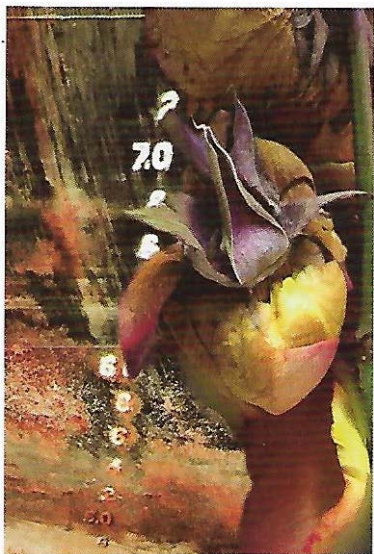
Mas, com sua visão muito pessoal, que - como em todo verdadeiro artista - transcende o superficial e o óbvio - Lou Borghetti enxerga em ambos a surpresa, o segredo, o desabrochar das mutações que outros considerariam decrepitude, e a solidez da matéria que a muitos pareceria desinteressante.

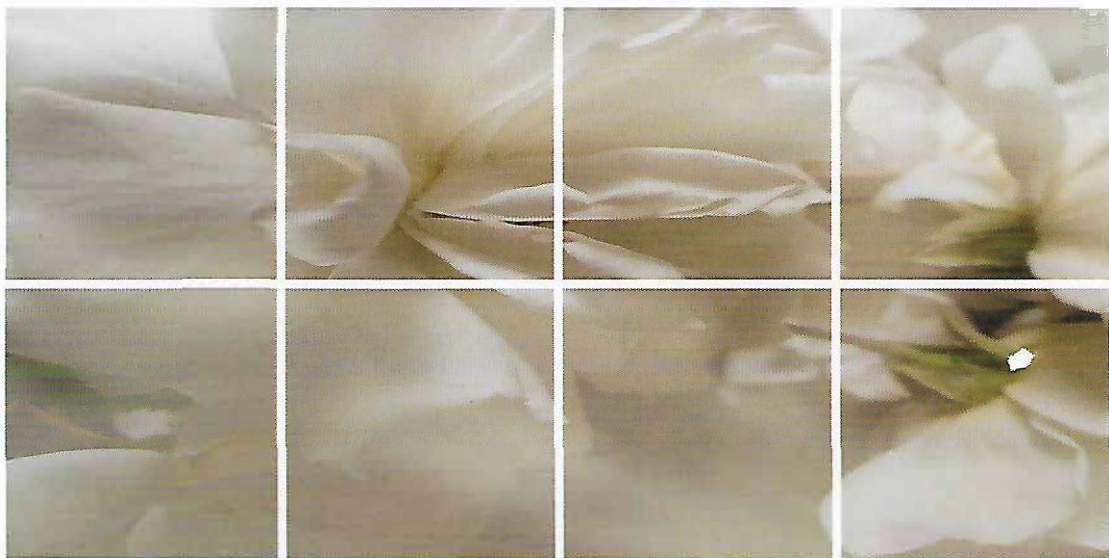
Só uma arte especialmente sensível, uma visão muito particular, entre emocionada e dolorida, poderia ver a pungente ação do tempo sobre o ferro (em velhos cascos de navios abandonados, por exemplo), criando formas, cores, sugestões imperceptíveis para quem por ali passasse sem se deter.

Essa mesma visão percebe no efêmero das flores o peso, solidez e as feridas abertas no ferro corroído, matéria bordada, rasgada, sublimada pela mão implacável, mas também criadora do tempo.

Assim, ao olhar de Lou Borghetti tudo se move, fases se alternam como em nossa existência, e tudo nos manda recados se soubermos ver.

A passagem do tempo, que desde sempre me impressiona e com a qual desejo tanto aprender, não é decadência, mas processo; não é finitude, mas atravessando todas as fases possíveis, é permanência: e isso somos nós.







Lupa, tempo e memória

Pegar um microscópio composto e perceber que a sua gota de vinho é no fundo um mar vermelho, que a poeira da asa das borboletas é uma plumagem de pavão, o bolor um campo de flores e a areia uma porção de pedras preciosas.

A terra e os devaneios do Repouso

Gaston Bachelard, [La vie de Fixlein]

Fotografo como uma pintora. Percebo “pinturas” nas paredes, muros, madeiras de casas antigas, ferrugem, troncos de árvores e raízes. O detalhe está próximo e presente, vivo e colorido. Resgato e me aproprio destes fragmentos de cores, contrastes, texturas oxidadas, compostas e decompostas. A beleza está onde aparentemente não há beleza.

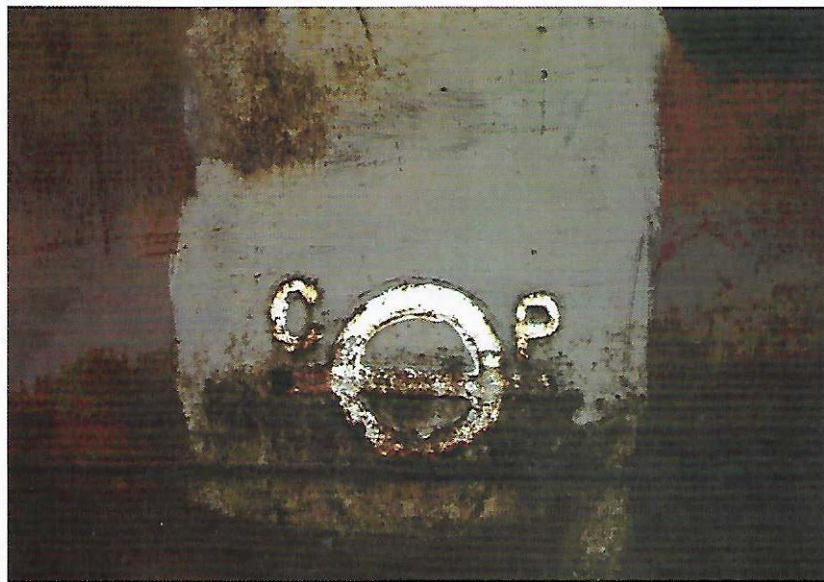
A ação do tempo é sutil, não se percebe, mas segue deixando marcas. São essas marcas, testemunhas do tempo em andamento, que busco captar. A alquimia do tempo na matéria original. Durante anos tenho fotografado o casco de um navio aportado no cais de Porto Alegre. O lugar é ermo, cemitério de navios. O navio, que leva o nome de *Bernardino Caballero*, já não serve às suas reais funções, está ali silencioso e imponente.

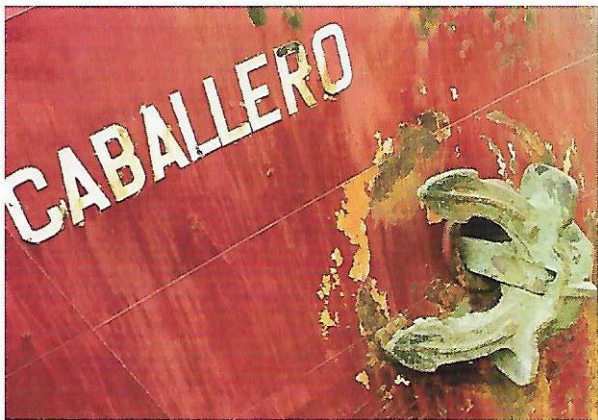
Uma pequena casinha de madeira, refúgio e lar de meus avós, está registrada em uma velha fotografia, encontrada em minha gaveta de guardados. Olhando-a me dou conta que já não é real. Porém, perpetua a imagem projetada, que, no entanto, decodifico pelos meus significados intrínsecos, subjetivos - arquétipos humanos. A casa existiu um dia, e foi fotografada com a intenção de registrar aquele momento, daquele espaço, naquelas condições.

São abstrações do nosso cotidiano: o mistério do tempo em ação. Sempre que estou capturando imagens coloridas e corroídas, percebo, além das formas e cores, a dimensão humana, a ação inexorável do tempo. Tanto faz estar o navio aqui ou em qualquer outro lugar, seu destino seria o mesmo, parte de um processo de finitude, envelhecimento e morte. Na memória depositamos a captura de um momento. Através dela deslocamos o tempo. Ali existe história, abandono, segredos e silêncio. A imagem é desconstruída e reconstruída infinitamente. O visível e a transcendência, o passado que se interpõe ao presente e projeta um outro futuro.

“A universalidade da arte é a universalidade do objeto, real e visível.” (Waldemar Cordeiro)

Lou Borghetti





Ludopédia para Lou Borghetti

ronald augusto

1.

emurchece

o preguado vaginal da flor
e vem transparência encardida amarrotada

tenro ferrolho de perpétulas

a membrana se retorçe
papiro preenchido com caprichosa neografia
in absentia
carta parda levada à flama

2.

rerum rasura
sua usura ferruginosa

ferrugináusea

ferruginácea

essa quase linguagem
que se projeta suja sobre a sinédoque
de um casco feito deriva semântica

pau férreo
em grito michel-
angelo isto é
à boca clusa

3.

irrepouso
pintura ficta
(como se)

e o close reading de cada
fotodissecação
eloquente hipossigno

signatum (a parcela inteligível) que se resolve
que se ensolara em eclipse

4.

ermo vermelho
o que surtirá desse desabrolho?

um navio que vaza a tripa
lento óleo obsoleto re-
tinto

marulho vinoso
batendo nos óxidos do bojudo
bernardino